

Índice

Leonel	9
Clarinha	163
Epílogo	177

M. de. Paulo

MEMORIAS DO CARCERE.

MEMORIAS DO CARCERE.


—

CAMILLO CASTELLO BRUNO.

—

VIENNA II.

—




PORTO,
EM CASA DE TEOFILO MOREIRA — EDITORA.

Alguns dias de officio.

A todos os seus Obedientes. | Casa de Comendadores em Porto,
Rua do Carmo. | 1893, Rua d'Alfama.

1892.

*Cabells da minha
 netinha Annica cort.
 do em 28 de Agosto de
 184, portanto aos 10
 meses e 28 dias de idade.*



1^o AUGUSTO BRANDÃO
 RUA DOS FANQUEIROS, N.º 306, 303 E 300
 LISBOA

Inglaterra
 19 Fev.
 Luis Carlos
 1^a. Avenida Iguaçu
 Hampshire
 London NW

BERAÇA DE LAGRIMAS


JOSEPH KATZBERG

LOPO DE SOUZA

CUTTMANN'S

EDITADO POR VITACORRIGIO—LITOGRAFIA

RUA DO THEATRO, 101


 FACULDADE DE LETRAS
 DA
 UNIVERSIDADE DO PORTO

Olhar cansado
 abraço-o. E dou-lhe as mi-
 cas galinhas que tenho.
 E que me abraço tem tod-
 o valor de minha labor-
 experiência.
 Se você tiver de a fazer po-
 a me uma possa, como a
 minha, encontram a harmonia
 na a acatada da vida.
 Bem
 Leonardo Coimbra

– Camões, imortal Camões! Grande vate português! Vias mais c’um olho só, do que nós com todos três!

A irreverente quadra que acabava de ouvir, enquanto descia do primeiro andar, onde o patrão me tinha mandado buscar um monumental exemplar de *Os Lusíadas*, surpreenderia certamente algum intelectual que entrasse pela primeira vez na loja e desse com as conversas e a boa disposição que aos sábados de manhã animam a Corandel, em lugar do silêncio e da circunspeção que normalmente associamos às livrarias antiquárias.

– Quatro versos em redondilha maior! A escolha casa perfeitamente com o poeta e com a época dele, Sr. Eduardo! Esta livraria é uma universidade...

O comentário com que o Sr. Oliveira brindou a escolha métrica não me passou despercebido, aprendo sempre alguma coisa com este cliente. O patrão também tem por ele uma consideração especial, mas, neste momento, está mais interessado em mostrar a obra que adquiriu na semana passada:

– Põe aqui em cima do balcão, Leonel. O sr. dr. traz quatrocentos contos no bolso e quer livrar-se deles. Ora faça o favor de apreciar a qualidade da mercadoria!

O Dr. Fonseca deitou imediatamente as mãos ao pesado volume, não fosse ter interesse nele e ver-se ultrapassado por algum dos presentes. Era um belo exemplar da luxuosa edição que Emílio Biel mandara imprimir na tipografia lipsiana de Giesecke & Devrient, em 1880, a assinalar o terceiro centenário da morte do poeta. *O Tripeiro* diz que as gravuras foram todas abertas em aço e que levaram seis meses a fazer, também na Alemanha, e ainda que custaram à volta de 260 libras, à época uma pequena

fortuna. Mal sabia o editor que em 1916, ao abrigo da lei sobre os inimigos do país, viria a ser negado aos seus descendentes o direito de cá continuarem a residir. A morte poupou-o a esse desgosto, porque o levou no ano anterior. O patrão foi elogiando o bom gosto e o cuidado com que foi feita esta edição da obra, que merece lugar de destaque em qualquer camoniana.

– Há quem diga que o Emílio Biel fez isto para agradecer ao país para onde emigrou em 1857, quando não tinha ainda completado os 20 anos. Não se poupou a despesas, a encadernação é luxuosa, a qualidade do papel e a impressão são luxuosas, as gravuras a mesma coisa. E entregou ao José Gomes Monteiro a introdução e a revisão do texto.

– Quem era esse?

O Dr. Fonseca fez distraidamente a pergunta, enquanto se debruçava para inspecionar o que lhe parecia ser uma imperfeição.

– O que é que foi, viu alguma cagadela de mosca? Olhe que os defeitos vão de graça, não esteja preocupado!

A Corandel é uma livraria antiquária e alfarrabista, e é esta segunda parte do negócio que traz à loja muitos clientes que gostam de ler, mas não ligam à bibliofilia. Os outros, que se interessam pelo livro raro e antigo, dividem-se consoante as posses e o conhecimento. O patrão tem consciência de que é reduzida a probabilidade de vender este exemplar ao Dr. Fonseca, que ultimamente só tem olhos para a camiliana. Ainda assim, gosta de mostrar as coisas boas que vão entrando e lá lhe explicou que José Gomes Monteiro possuía uma das maiores camonianas que então existiam em mãos privadas e que, por capricho do destino, dado o seu falecimento em 1879, foi dispersa em leilão no próprio ano do tricentenário. Estas conversas de sábado de manhã fascinam-me e o Sr. Eduardo sabe disso, mas é também a altura em que lhe dá mais jeito mandar-me arrumar as coisas que se vão acumulando nos armazéns.

– Ó Leonel, olha que o armazém pequeno está à tua espera. É preciso fazer a colação daquela *Seara Nova* que entrou, para saber quais são as faltas, a ver se conseguimos fazer um conjunto completo. E põe também ordem na *Vértice* e nas outras revistas que por lá andam, porque aquilo está um caos. O sr. dr. está demorado e não quer que tu te atrases.

Passei o resto da manhã a organizar as revistas que se amontoam no armazém da rua das Oliveiras. A maior parte do que por lá temos veio de bibliotecas compradas após o falecimento de quem as reuniu, às vezes para simplificar as partilhas, ou então porque quem ficou tinha outros gostos. No meio dos livros encontram-se com frequência notas e outra papelada efémera, que quase sempre me despertam interesse. Teria preferido continuar na loja a escutar a conversa, mas também gosto de ter nas mãos estes testemunhos de vidas já desaparecidas, fragmentos de memória que muitas vezes evoco mais tarde, quando me deixo levar pela fantasia.

Comecei a trabalhar na Corandel em 1997 e estou cá há cerca de três anos. Interrompi a licenciatura em Literaturas Comparadas, que estava a tirar em Lisboa, porque queria escrever um romance ligado a vidas reais e achei que não poderia ficar satisfeito com o resultado sem uma experiência de trabalho no mundo dos livros. Foi uma sorte ter vindo cá parar, porque o mundo mágico das livrarias antiquárias e alfarrabistas é bem mais rico e interessante do que o ambiente dessas outras em que os escaparates são povoados à consignação, conforme o sucesso das vendas. Hei de retomar os estudos, mas, por enquanto, vou gostando mais do que tenho aprendido neste emprego.

Ouçõ o que me estão a ditar e lanço as frases ao papel, mas não aquelas exatas que vou ouvindo, porque a essas falta quase sempre harmonia, às vezes falta até sentido, atropelam-se umas às outras quando se contradizem. Levanto a cabeça e olho para quem mas ditou, à procura da verdade ou da mentira, da alegria ou da tristeza, e por aí fico a saber o que verdadeiramente querem dizer. É então que escolho as palavras e elas saem à feição, severas quando há mágoa nas almas e o olhar duro de quem as dita se crava no meu, ou doces quando vejo que os lábios se lhes arqueiam num sorriso. Depois de irem embora e enquanto não aparece mais alguém que precise dos meus serviços, imagino-me no lugar de quem passa diariamente por ali e me vê sentado a escrever cartas a rogo, a tábua pousada nas pernas, a servir de secretária, os olhos a levantarem-se para a pessoa que tenho à frente e a regressarem depois ao papel. Vejo-me sentado num pequeno banco de abrir, a um canto da estação de comboios, como me veria um viajante que olhou casualmente para mim ao passar do átrio para o cais, ou um recém-chegado que acabou de desembarcar apressado, olhando-me apenas de relance. Deixo voar a imaginação, avanço no tempo e vejo alguém a ler aquelas cartas, um rosto a fechar-se em desagrado ou a abrir-se com alegria, e penso no enorme poder das palavras. Por elas se vive e se morre, por elas se ama e se odeia.

– Ó Leonel, vai a S. Bento entregar esta encomenda ao Sr. Oliveira, que segue para a Régua no comboio do meio dia!

A ordem do patrão arrancou-me aos meus pensamentos. Ao princípio da manhã há sempre menos que fazer na livraria e eu tenho tempo para divagar ou para ler, se não houver livros para arrumar ou encomendas para despachar.

– Vou sim, Sr. Eduardo.

A fantasia de escrever cartas a rogo anda-me na cabeça desde que há tempos me veio ter às mãos uma que foi enviada do Rio de Janeiro em 14.11.1927. Julgo que dificilmente teria sucesso se me dedicasse a esse ofício nos dias de hoje, mas não posso deixar de pensar no poder de quem o exercia, tão bem retratado num filme recente chamado *Central do Brasil*, que vi haverá uns dois anos cá no Porto, porque já estava na Corandel quando ele se estreou. Lembrei-me dele assim que encontrei esta carta no meio das coisas que pertenceram a um professor chamado Luís Cardim, sobretudo correspondência e documentos diversos, incluindo alguns livros, tudo à mistura num caixote de papelão guardado no armazém grande. As letras redondas e bem desenhadas revelam-nos a existência de uma mulher chamada Amélia de Carvalho, que deixou Portugal na esperança de fugir à miséria, vidas que nas mais das vezes passaram sem deixar rasto. Desta mulher da Lixa que emigrou para o Brasil, ao menos, sobreviveram algumas linhas que nos contam parte da sua história, dos sonhos e das preocupações que lhe encheram os dias. Devia ser grande o aperto no coração daquela mãe que deixou no Porto os dois filhos pequenos, recomendados aos cuidados da protetora a quem agora se dirigia, em frases mal alinhavadas:

“Menina Anita,

Hoje mesmo mando lançar a mão na pena para saber de sua saúde estimo que estejam todos gozando perfeita saúde em companhia de todos. Não esquecendo da minha filha nem o meu filho, graças a Deus tive muito boa viagem e estou com saúde felizmente peço à menina, pela sua boa sorte que olhe para os meus filhos, não se esqueça de recomendar ao António

para estudar quando lá for recomende sempre que ele estude para aprender e levar a vida dele, que um dia se puder o mando vir para essa terra mas é preciso que ele aprenda a escrever e ler bem mas ainda não sei quando será, mas é para o animar para ver se ele aprende bem, a menina não se esqueça quando puder dar umas lições à Emília que eu sei a falta que me faz se eu soubesse escrever, escrevia logo que aqui cheguei e assim é só quando tenho quem me escreva. António estimo que estas duas letras te vão encontrar em perfeita saúde e eu estou boa graças a Deus, peço-te que me escrevas e que me mandes dizer se já aprendeste muito na arte em que te ocupam – peço-te que faças por aprender bem e faças por ser sempre um bom menino que todo o bem será para ti, para tu poderes levar a tua vida, tu bem sabes que não posso te auxiliar com isso termina. Aceita um apertado abraço desta tua mãe que a vida te deseja e muitas felicidades.

Direção – Rua Goiás n.º 210

Estação do Encantado.

Com isso não enfado mais saudades para todos e a menina recebe de mim um abraço muitos beijinhos para a Emília. Dessa sua amiga Amélia de Carvalho que a vida lhe deseja por muitos anos. Não se esqueça mais uma vez lhe recomendo que a menina não se esqueça de pedir ao diretor ou a quem a menina muito bem entender para ensinar ao António.”

Por ironia do acaso, ou talvez não, deu por direção o bairro do Encantado. Pode ter sido pelo nome que encaminhou para ali os passos à procura de casa onde servir, não é preciso saber ler e escrever para perceber que era essa a palavra que queria ver ligada ao seu destino.

– Vais ainda hoje, ó Leonel?

Meto a encomenda debaixo do braço e saio a caminho da estação de S. Bento. A livraria abre às 9h, mas os melhores clientes raramente aparecem pela manhã. Sigo pela rua das Oliveiras em direção ao Moinho de Vento, de lá descerei por Santa Teresa e rua da Fábrica, quando chegar lá abaixo estarei à vista da estação. As obras de pura ficção nunca me interessaram por aí além, aquilo que mais me atrai é o rasto de mistério deixado por algumas vidas reais. A cada passo, durante o arrumo da livraria, tenho nas mãos papelada que o patrão não valoriza: cartas, agendas, notas de viagem e outras coisas a que o Sr. Eduardo não liga, porque dificilmente encontram comprador. Essas cartas de gente desconhecida e outros manuscritos bastam-me para dar asas à imaginação, gosto de tentar descobrir a história das suas vidas e de as imaginar ao contrário, o choro e a solidão transformados em riso e calor humano.

Tenho nas mãos um grupo de postais que trouxe para baixo e que andavam há anos no fundo dum armário, no que julgamos ter sido antigamente a cozinha da casa, um pequeno espaço a que também chamamos a “sala da música”, por ser lá que se encontra a estante onde reunimos partituras e outras obras desta temática. A livraria tem duas salas no rés do chão, uma interior, na parte de trás, e a loja onde se atendem os clientes. Um estreito corredor lateral, forrado de estantes, liga a loja a uma casa de banho com a mesma largura, onde há uma sanita e um pequeno lavatório. À direita, logo no início do corredor, há uma escada para o primeiro andar. Ao cimo, à direita, há uma sala grande com duas janelas para a rua e, à esquerda, outro corredor estreito que dá acesso a três pequenas divisões, tendo a última por anexo o tal espaço que terá servido em tempos como cozinha e que inclui outra pequena casa de banho, há muito desativada.

Não faltaria que contar a estas divisões, porque a casa serviu como bordel antes de se instalar cá a livraria, em 1916, quatro anos após a sua fundação. Já tinha visto lá os postais por várias vezes, mas são em geral feiotes. O sr. Eduardo diz que não se deve passar pelas coisas sem lhes prestar atenção, mas este lote tem sido uma exceção à regra. Espalharam-se ao arrumar uns livros dentro do armário e um deles despertou-me interesse, por mostrar um oráculo que responde a perguntas sobre o futuro, conforme a escolha que fizermos à partida. Muita gente diria que na vida real também é assim, mas acho que alguns já vão a meio do caminho quando dão por si, não tiveram uma palavra a dizer nas escolhas que os levaram até ali. Ou então, o oráculo que lhes coube estava viciado e nos fins de caminho havia apenas más surpresas.

É talvez o único postal interessante do conjunto, é pena não ter sobrevivido melhor à passagem dos anos. Está pouco limpo e tem uma dobra a meio, pode ter andado no bolso ou então ficou entalado no meio de dois livros. Escolhemos a pergunta a fazer, seguimos o percurso de baixo para cima e encontramos a resposta: Sim, Talvez, ou Não. As perguntas sugeridas eram as que andavam então na cabeça da maioria das raparigas: Serei amada?, Casar-me-ei?, Será com ele?, etc. Vê-se que serviu o seu propósito, porque ficaram lá marcas de lápis a confirmá-lo. Volto-o e vejo que está escrito no verso por alguém que o mandou à “mamã” em junho de 1917: “Acabo de comprar este e outro postal que junto remeto, que acho interessantíssimos. São para adivinhar o futuro. Fiz neste postal a pergunta casar-me-ei e a resposta foi sim; perguntei terei filhos, resposta sim.” A terminar, um “chi do Turinho” que me deixa pregado ao chão! Será possível? O que tenho nas mãos é um postal enviado de França pelo Capitão Artur de Barros Basto durante a Primeira Guerra Mundial! Não tenho dúvidas disso, porque a primeira obra que li quando entrei para a livraria foi uma biografia recém-publicada, que transcreve algumas cartas dele para a mãe, assinadas desta forma!

A coragem de que deu mostras nesses campos da morte valeu-lhe a promoção ao posto de capitão e uma condecoração por bravura, mas foi afastado da carreira militar por uma denúncia anónima que ligou o seu nome à prática de “atos imorais” no Instituto Teológico Israelita. Se não fosse a assinatura, estaria longe de pensar que isto foi escrito por um homem que comandou as tropas nas trincheiras, que fundou a sinagoga do Porto e que se dedicou de alma e coração à integração dos criptojudeus, a causa que esteve na origem do processo que o abateu. O oráculo não tinha perguntas que pudessem avisá-lo da infâmia que

o destino lhe reservava, mas acertou nas respostas àquelas que lhe foram feitas, casou e teve filhos. Afinal, os postais estavam todos relacionados com ele, embora os restantes tivessem outros remetentes. Por alguns minutos fiquei desligado de tudo o que estava à minha volta, é por descobertas como esta que eu gosto de trabalhar numa livraria alfarrabista.